

REAL • OITO ANOS

Vitória na inflação, empate no crescimento

Desafio de reencontrar o desenvolvimento econômico espereira o mais bem-sucedido plano de estabilização brasileiro

Flávia Oliveira e Ronaldo D'Ercole

• RIO e SÃO PAULO. Foram tantos solavancos nestes 96 meses que, do plano original, só restou o nome. O mais bem-sucedido programa de estabilização da economia brasileira está completando oito anos de incontestável sucesso no controle da inflação. Daquele julho de 1994 a maio deste ano, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) subiu 116,75% — quase metade da taxa acumulada nos três meses que antecederam a implantação do Real (202,97%).

O antídoto contra o vírus que durante anos correu o poder de

compra dos brasileiros resistiu a inúmeras crises externas e à desvalorização da moeda, em janeiro de 1999. Consolidou o valor da disciplina fiscal, um esforço nada desprezível para um Estado compulsivamente gastador como o brasileiro, reconhece o economista Paulo Nogueira Batista Júnior, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP).

Mas deixou seqüelas. Em seu oitavo aniversário contabiliza o mais alto nível de desemprego já registrado no país; quase cinco anos seguidos de queda real na renda do trabalho; e uma taxa de expansão econômica muito abaixo da desejada pelo país que mais cresceu

no século passado. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indicam que, em média, o Produto Interno Bruto (PIB) avançou modestos 2,5% ao ano desde 1994. Segundo Paulo Levy, coordenador do Grupo de Acompanhamento Conjuntural do instituto, um desempenho aquém do potencial de uma nação que já teve a oitava maior economia do mundo.

Reencontrar a fórmula do crescimento, sem abrir mão da estabilidade de preços e da austeridade fiscal, é o desafio dos próximos anos do Real, recitam os economistas.

— Temos de provar nossa capacidade de realizar o sonho do desenvolvimento — afirma Luiz Carlos Prado, da UFRJ. ■

Desenvolvimento agora é bandeira obrigatória

Economistas temem prejuízos à estabilidade dos preços e volta do imposto inflacionário

Flávia Oliveira, Carlos Vasconcelos e Ronaldo D'Ercole

• RIO e SÃO PAULO. Para se ter uma idéia da importância que a retomada do crescimento adquiriu nos últimos tempos, basta examinar o discurso dos candidatos à Presidência. Os dois temas estão na agenda de todos aqueles que cobijam o lugar de Fernando Henrique Cardoso — as diferenças estão nas formas de alcançar o objetivo. Professor de História Econômica, Luiz Carlos Prado lembra que a legitimidade dos governos brasileiros sempre esteve ligada à capacidade de o presidente fazer o país crescer. Esse pacto, quebrado em nome da estabilidade de preços, agora está de volta.

— Conseguimos controlar os preços, mas a estratégia de desenvolvimento fracassou. O desemprego atual é pior que o registrado nas recessões do passado. Daqui para frente, o governo que não conseguir crescer terá problemas — diz.

Pobreza caiu de 33% para 25% entre 1994 e 1996

Por tudo isso, alguns economistas temem que a busca desenfiada pelo crescimento ponha em risco o controle da inflação. Diretor-executivo do Instituto Fecomércio (Ifec) e professor da PUC-Rio, Luiz Roberto Cunha destaca o peso do imposto inflacionário no orçamento das famílias mais pobres, que não contam com mecanismos de indexação para manter seu poder de compra.

Não foi a toa que nos três primeiros anos do Real, a proporção de pobres caiu de 33% para 25% da população nacional, segundo cálculos do economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da FGV. As crises asiática, russa e brasileira, a partir de 1997, fizeram a pobreza alcançar 29% em 1999. No ano seguinte (último dado disponível), a proporção caiu para 27,9%.

— Nos primeiros anos do Real, a classe média ganhou mais, mas todos avançaram.

As sucessivas crises a partir de 1997 sacrificaram mais os moradores das regiões metropolitanas, onde há menos misérraveis — diz Neri.

O economista assinala que a retomada do crescimento deve vir com redistribuição de renda. Segundo ele, se por quatro anos o PIB per capita crescer 5% ao ano e o índice de desigualdade cair 8,5%, a proporção de misérraveis no país cairá quase à metade. Por isso, sugere que o futuro governo adote metas de redução da pobreza e melhora dos indicadores sociais, com compromisso semelhante firmado com o controle da inflação.

Plano possibilitou enxergar os problemas da economia

Heron do Carmo, economista da Fipe, assinala que, no passado, não havia um indicador (fiscal ou monetário) confiável da economia brasileira. Para ele, estabilidade tornou possível enxergar claramente as deficiências nacionais para, a partir daí, buscar soluções.

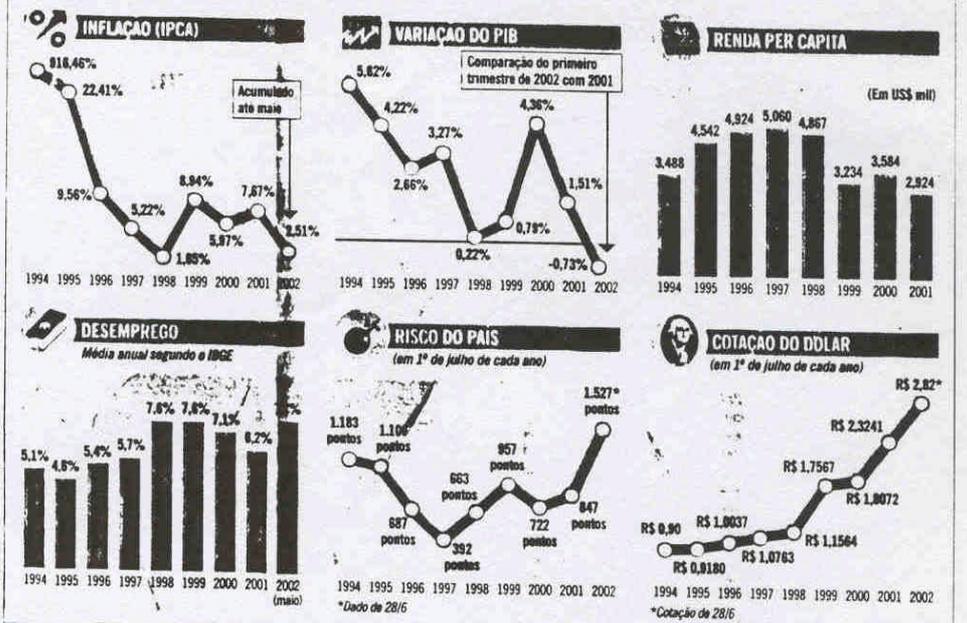
— Temos problema de câmbio, de endividamento alto e crescimento baixo, mas em 1993, tínhamos tudo isso e uma inflação de 80% ao mês — completa Luiz Roberto Cunha.

É certo que para manter os preços internos sob controle, o governo insistiu por muito tempo num modelo cambial que aumentou a vulnerabilidade externa, que até hoje limita a expansão econômica do país. A desvalorização que ajudaria na redução do déficit externo veio junto com uma forte retração do PIB mundial.

O economista Paulo Levy, do Ipea, revela que no início da década passada o comércio internacional chegou a crescer 12% ao ano. Nos últimos três anos, apresenta retração. Por isso, continua, o Brasil ainda não teve chance de explorar o potencial de crescimento que acumulou com a abertura econômica e as reformas pós-Real.

— Mas o país tem total condições de recuperação — prevê o economista. Tomara. ■

Os indicadores da era do Real



Sonhos conquistados e novos rumos

Ex-faxineira diz que estabilidade garantiu novo emprego e o sonho da casa própria



MARIA IRANI diz que a sua vida melhorou com a chegada do real

Erica Ribeiro

• A recepcionista Maria Irani Alberice Fraga diz que tem muito que comemorar nos oito anos de vigência do real. A nova moeda, diz, trouxe mais segurança e a ajudou a conquistar sonhos que jamais pensava em realizar.

Há cerca de três anos, ela deixou de ser faxineira e conseguiu uma vaga de recepcionista em uma empresa de consultoria, depois que voltou a estudar. A dupla jornada não tira o ânimo para os estudos, e ela espera concluir o Segundo Grau para tentar um curso de secretariado.

Maria não tem dúvidas ao dizer que o sonho conquistado foi o da casa própria,

comprada no município de Itaboraí, onde vive com os filhos, Cristiano e Crislaine.

— Minha vida mudou muito. Consegui coisas que antes nem imaginava, principalmente um teto para meus filhos. Comprei geladeira, fogão novo, celular. Meu filho comprou um computador e um som. Antes era impossível pensar nessas coisas. Por isso não posso reclamar muito do real — diz ela.

A zúmica queixa de Maria é quanto ao preço dos produtos no supermercado, principalmente alimentos e material de limpeza, além das tarifas de água e luz.

— Os preços só aumentam. É preciso pesquisar para não pagar mais caro.